

PFL descrente da decisão de Sarney

Simon espera definição de novas regras

Luiz Henrique teme impasse institucional

O líder do PMDB na Câmara, deputado Luiz Henrique, afirmou ontem que se houver um agravamento da atual crise política e econômica no País, poderá ocorrer uma crise a nível institucional, o que, segundo ele, não seria bom para o Brasil.

Luiz Henrique disse também que o PMDB prefere assumir sozinho o Governo, com todos os cargos e ônus de seu governo, mas aceita um novo pacto com outros partidos, "se isso for de interesse do presidente Sarney".

O líder não acredita que Sarney tenha afirmado que fará uma reforma ministerial sem ter em vista a correlação de forças políticas no Congresso Nacional. Ele argumentou que a causa dos problemas que o País vive se deve, em parte, ao fato do Governo estar sendo apoiado numa aliança de contrários e adversários políticos históricos, como é o caso de peemedebistas e peffelistas.

PTB disposto a participar do novo pacto

Se o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) for consultado pelo presidente José Sarney, analisará quais as possibilidades e perspectivas de participar de um novo pacto político, que deverá ser proposto na semana que vem, pelo próprio Presidente.

A declaração foi dada ontem pelo deputado Gastone Righi (PTB-S P), líder do partido na Assembléia Nacional Constituinte, ao comentar a possibilidade da formação de novas composições político-partidárias de apoio ao Governo.

Righi disse que o PTB não pode opinar, pois até o momento está como um mero espectador em todo o Processo. Em uma frase, o deputado definiu o atual estado de espírito dos componentes da legenda: "Já estamos cansados de ser citados como aliados do governo sem que tenhamos qualquer acerto".

Sobre a crise política deflagrada a partir do momento em que o PFL rompeu unilateralmente com o PMDB, a posição do líder do PTB é a seguinte: "Enquanto o presidente José Sarney não se definir em relação ao PMDB, e o PMDB não se definir em relação ao Presidente, não haverá nenhuma solução e vamos continuar na mesma, não passando as anunciam mudanças de hipóteses e tentativas".

Os dirigentes do PFL estão descontentes de que o presidente José Sarney tome decisão que os favoreça na disputa com o PMDB. Seu presidente, senador Marco Maciel, admite que o chefe do Governo perdeu intensidade na ação quando aceitou adiar a reforma ministerial, atendendo a ponderações do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães. Sempre mais cáustico, o líder na constituinte, José Lourenço (BA) respondendo aos repórteres, disparou uma farpa: "Vocês estão querendo demais, querem que o Sarney tome uma decisão rapidamente".

A impressão que se tem, depois de um contato com a cúpula peffelista, é que o partido marcha para a oposição, principalmente se não receber gordas compensações do Governo Federal. Qualquer que seja a opção do presidente da República, os peffelistas reunirão sua executiva nacional, terceira, a bancada federal, quarta, e até a convenção imediatamente se julgarem necessário, para que todo o partido se pronuncie sobre a postura a adotar diante do Palácio do Planalto.

Políticos, que convivem com o

sempre ponderado Marco Maciel dizem que somente o viram assim, tão determinado e decidido, quando se tratou de rachar o PDS para apoiar a candidatura Tancredo Neves à Presidência da República. Ele diz não se arrepender de haver denunciado a extinção da Aliança Democrática: "pior era como estava do ponto de vista administrativo e político". Ele acha que o País está sem proposta, sem programa. "A perplexidade é crescente. Até quem quer ajudar sabe como o fazer".

Aureliano

O ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, deverá participar, nos dias 5 e 6 de novembro próximo, em Havana, Cuba, da Assembléia Geral da Organização Latino-Americana de Energia (Olade), que se reúne a cada dois anos em algum dos 26 países que a integram, incluindo o continente e o Caribe. A informação foi dada pela Coordenadoria de Comunicação Social do MME.

A Olade foi criada em 1973, durante a Segunda Reunião Consultiva Latino-Americana de Ministros de Energia e Petróleo, e tem sede em Quito, no Equador.

Alceni prega rompimento já

"Temos que pensar logo em sair do Governo, antes que sejamos expulsos". A advertência é do primeiro vice-líder do PFL, deputado Alceni Guerra (PR), que considera evidentes os sinais de que o presidente Sarney "está disposto a governar só com o PMDB". Uma das evidências disso, segundo o parlamentar, foi o resultado da audiência do Centro Democrático (facção conservadora do PMDB) com o presidente Sarney: "Eles foram levar a Sarney uma nota contra o MUP (Movimento Unidade Progressista), com intenção divisionista, e voltaram desanimados. Em seguida, foram a Ulysses Guimarães fazer um compromisso pela união".

Alceni Guerra se refere ainda a manifestações de desagrado que estariam partindo de Sarney em relação a lideranças do PFL, conforme já noticiaram os próprios jornais, dando conta, por exemplo, de um distanciamento entre o presidente da República e o senador Marco Maciel (PE), presidente do PFL. O primeiro vice-líder peffelista considera que seu partido ficará em "situação difícil" se houver uma nova aliança que coloque lado a lado o PMDB e siglas pequenas, como o PTB e o PL, entre outros. "Se essa possível nova aliança não

incluir o PDS, acabaremos formando com ele a antiga Arena".

Saida

Diante dessa hipótese, Alceni acha que só há uma saída para seu partido: "Saímos daqui com a sigla 'do passado' e o obstáculo às mudanças no País: deixar que permaneçam no Governo todos os que assim o desejarem, 'pois, ai sim, ficará caracterizado que esses são os fisiológicos'".

O vice-líder acredita que havendo o rompimento entre PFL e Governo, com a saída de todos os ministros do partido, a sigla perderá cerca de 30 a 40 parlamentares, que permanecerão fiéis ao presidente Sarney. Mas, em compensação, não terão nenhum futuro político, pois ficarão "desmoralizados".

Depois de concretizado o rompimento, Alceni sugere que o partido troque de nome, de estatuto, de programa e parte para "a guerrilha oposicionista". Mas ele se diz preocupado com a possibilidade de que o presidente Sarney venha a perder a sustentação do seu governo no Congresso. A partir de um governo fraco, o parlamentar diz temer que possa se inviabilizar "todo o processo de transição para o estado de direito e a modernização da estrutura social e de produção".

Magalhães quer ser oposição

Recife — O ex-governador Roberto Magalhães voltou a defender ontem, no Recife, o rompimento do PFL com o governo Sarney. "O PFL não pode permitir que o Presidente o mande embora do Governo, deve sair antes, preservando a sua imagem e o seu conceito". Por isso, propõe a antecipação da convenção nacional do

partido, com a finalidade de resolver sobre a continuidade ou não do apoio ao Governo Federal, "antes que seja tarde".

Roberto lamenta que o seu partido não tenha ouvido os seus apelos de ir para a oposição logo após a eleição de novembro. "Teríamos praticado um gesto político de ex-

"Não há dúvida de que o fato do PFL ter rompido a Aliança Democrática criou um fato novo, sobre o qual o Presidente e nós todos temos que tomar providências", disse em entrevista na manhã de ontem o governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, depois de ter se encontrado na quinta-feira com o presidente José Sarney e, depois, com o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães.

"O presidente da República faz questão de salientar que, durante seu mandato, ele governa com o pacto da Aliança Democrática, e, não existindo este pacto, ele pretende apresentar à Nação e aos partidos políticos um novo pacto, uma série de princípios que nortearão todo o seu Governo até o final, e, pelas informações que tenho, os propósitos são os melhores e a disposição do Presidente é constituída de itens que se identificam com toda a pregação com a qual nós caminhamos ao longo do tempo", garantiu Pedro Simon, acrescentando que assina o documento.

Sobre a reforma ministerial, ele declarou que "precisamos ser claros, nós vivemos num regime presidencialista, onde o Presidente muda um ministro na hora em que deseja, mas é claro que isto traz como consequência a repercussão política de apoio das forças que compõem o seu Governo". O governador gaúcho ressaltou, entretanto, que "em princípio, se nós estamos

Constituição, o momento exato para uma mudança geral seria depois da promulgação desse Constituição, mas esta é uma questão do Presidente, nós do PMDB ou pelo menos eu, não vejo com muita preocupação esta questão de mudança ou não do ministério, pois não acredito que ela tenha este largo alcance que a imprensa está afirmando".

Falando ao programa "Bom Dia, Brasil", da Rede Globo de Televisão, Pedro Simon disse que "o que está ocorrendo são divergências internas a nível de composição dos quadros intermediários do Governo, e acredito que seja mais uma questão de fórmula do que decisão, pois no momento em que for estabelecida a forma e o método de fazer, creio que esta questão será bem mais simples". Ele considerou "negativo para a classe política os debates em torno de cargos que são de terceiro e quarto escalão".

Sobre o apoio ao Presidente no Congresso, o governador disse acreditar que ele virá do PMDB e do PFL. "Nós do PMDB temos um compromisso até a promulgação da Constituição, de um modo especial, e este compromisso de mudanças até uma transformação com a eleição de um novo Presidente, é uma obrigação que nós temos, e podem haver divergências mas não a nível de Governo do Presidente, que, diga-se, quer na convocação da Constituinte, quer na reforma agrária, quer na moratória, quer no congelamento de preços, tomou uma série de medidas que merecem respeito", destacou Simon.